



CONFRARIA ROSEANA: HOMENAGEM PÓSTUMA AO PROFESSOR CARLOS AUGUSTO DE FIGUEIREDO MONTEIRO

Rosa Haruco Tane¹

Resumo: Trazemos aqui relatos de alguns amigos do Amigo “Cacá”. De São Paulo, Belo Horizonte, Cordisburgo e Morro da Garça, um texto coletivo. Como um mosaico, cada um apresentou seu depoimento através de: poesias, haikais, relatos, fotos, desenhos, imagens. São participantes que “Cacá” denominou de Confraria Roseana, por causa da nossa convivência conjunta por amor à literatura de Guimarães Rosa.

Palavras-chave: Confraria Roseana. Guimarães Rosa. Oficina de Leitura João Guimarães Rosa. Semana Roseana. Cordisburgo.

CONFRARIA ROSEANA: POSTHUMOUS TRIBUTE TO PROFESSOR CARLOS AUGUSTO DE FIGUEIREDO MONTEIRO

Abstract: We've brought here some records of Cacá's friends. It's a collective text written by people from São Paulo, Belo Horizonte, Cordisburgo e Morro da Garça. As a mosaic, each person presents their testimony: by poetry, hai-kais, statements, photographs, drawings and pictures. They are members of what Cacá once has denominated “Confraria Roseana”, a name that came from many meetings of conviviality, always by the love of Guimarães Rosa's literature.

Keywords: Confraria Roseana. Guimarães Rosa. Reading Workshop João Guimarães Rosa. Rosean week. Cordisburgo.

HERMANDAD ROSEANA: HOMENAJE PÓSTUMO AL PROFESOR CARLOS AUGUSTO DE FIGUEIREDO MONTEIRO

Resumen: Traemos aquí relatos de algunos amigos de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro. De “São Paulo, Belo Horizonte, Cordisburgo y Morro da Garça”, un texto colectivo. Como un mosaico, cada persona presentó su testimonio: a través de poesía, haiku, cuentos, fotografías, dibujos, imágenes. Son participantes de lo que Carlos Augusto llamó Confraria Roseana, por nuestra convivencia por amor a la literatura de Guimarães Rosa.

Palabras clave: Hermandad Roseana. Guimarães Rosa. João Guimarães Rosa Taller de Lectura. Semana Roseana. Cordisburgo.

Introdução

*amigo reverência
singelos saberes e sabores
emotiva convivência*

(Rosa Haruco Tane)

¹ Pontifícia Universidade Católica (PUC), Serviço Social, São Paulo, Brasil, rharuco@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-1825-0097>

Vamos falar simplesmente do Cacá Amigo: querido Carlos Augusto. Falar do convívio com ele no nosso sertão-mundo-roseano. Seus humores, alegrias, elegância, gentilezas, sabedorias que estão dentro da gente, *coraçõamente*. Para definir o Cacá Amigo, apresentamos o poema escrito pela Marise Hansen²:

Tem gente que é gente

*Tem gente que é gente
No gosto, no gesto
Gentil e aberto.
(...)
Tem gente que é gente
E se joga no fundo
Do mar do afeto*

Algumas palavras utilizadas pelos colegas serão mantidas: *roseano, estória*, como escreveu Guimarães Rosa. Ou *rosiano, história*, na ortografia oficial. Também não fizemos revisão das apresentações feitas para não interferir na livre manifestação espontânea. São palavras poéticas do coração, sem regras, sem enquadramento oficial, mas com o jeito do Cacá. Como na leitura do escritor, é preciso aprender a ler e ouvir. Entender nas entrelinhas, sentir e perceber que somos todos desiguais. Aprendemos uns com os outros. *Tudo cabe*.

O senhor... mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. (Rosa, 2001, p.39)

1. Desenvolvimento

Ao refletir o que escrever para homenageá-lo, lembranças só afetuosa borbulharam no meu coração. Quanta alegria e emoção ao degustar seus saberes, fazer, trocar confidências e afagos!

² Doutora e professora de Literatura no departamento de Letras da FFLCH-USP, escritora, participante da Oficina de Leitura Guimarães Rosa e colaboradora de eventos culturais em Minas Gerais. Poema retirado do seu livro **A palavra acre**.

Suas falas clareavam o obscuro e desconhecido mundo sertanejo, o *ser tão* com enigmáticos lugares e personagens de Guimarães Rosa. Sua elegância no falar, no vestir. Camisa e gravata de seda, abotoaduras de ouro, sapatos reluzindo de brilhos, terno impecável. Elegantíssimo. E sempre assim vestido para aulas, palestras, cursos, eventos, seja nas academias ou no sertão de Cordisburgo, Andrequicé, Morro da Garça: a Pirâmide do Sertão, um dos personagens da obra de Guimarães Rosa em “O Recado do Morro”...

camisa sem pala
vôo com paixão pela literatura
mansidão na fala
(Rioco Kayano³)

A Semana Roseana de Cordisburgo sempre termina com atividade do Grupo Caminhada Ecoliterária, percorrendo os arredores da cidade em lugares reais e imaginários que reportam à literatura do escritor com narrações e canções dos contadores de estórias. Gente de todo o país participando.

Caminhando pelas trilhas de terra, às vezes muitas poeiras, areais, pedregulhos, passando por fazendas, riachinhos e matagais, às vezes levando picadas importunas de pernilongos ou carrapatos. Cacá sempre elegantemente vestido com sua capa inglesa, sapatenis de couro, cachecol, luvas de pelica nesses dias de muito frio, descrevia a fauna e flora, a natureza do cerrado associando com a literatura de Guimarães Rosa e narrativas dos contadores de estórias da Caminhada Ecoliterária.

com pena maestria
fusão do lugar com ficção
olhar só de poesia
(Rioco Kayano)

Em Andrequicé, distrito de Três Marias-MG, terra do Manuelzão: morador desse lugar e personagem na obra do escritor, há a Festa de Manuelzão realizada anualmente. Cacá foi convidado a fazer uma palestra, abordou um trecho do conto *Uma Estória de Amor*, uma novela do livro **Corpo de Baile**:

(...) se solambendo por uma gruta, um riachinho descia também a encosta, um fluviol, cocegueando de pressas, para ir cair, bem em baixo, no Córrego das Pedras, que acabava no rio-de-Janeiro, que mais adiante fazia barra no

³ Integrante do Grupo Teia de Aranha, da Oficina de Leitura Guimarães Rosa, haikaista, pintora e bordadeira.

São Francisco. Dava alegria, a gente ver o regato brotar espuma e oferecer suas claras friagens, e a gente ver o regato botar espuma e oferecer suas claras friagens, e a gente pensar no que era o valor daquilo. Um riachinho xexe, puro, ensombrado, determinado no fino, com regojoio e suazinha algazarra – ah, esse não se economizava: de primeira, a água, pra se beber. Então, deduziram de fazer a Casa ali, traçando de se ajustar com a beira dele, num encosto fácil, com piso de lajes, a porta-da-cozinha, a bom de tudo que se carecia. Porém, estrito ao cabo de um ano de lá se estar, e quando menos esperassem, o riachinho cessou.

Foi no meio duma noite, indo para a madrugada, todos estavam dormindo. Mas cada um sentiu, de repente, no coração, o estalo do silenciozinho que ele fez, a pontuda falta de toada, do barulhinho.

(...) — “Ele perdeu o chio...” Triste duma certeza: cada vez mais fundo, mais longe nos silêncios. (ROSA, 2006, p.145)

Da bela narrativa de Guimarães Rosa, Cacá foi mostrando com muita tristeza, o *chio* da água que morreu. A intervenção do homem destruindo a natureza: “(...) o derradeiro fiapo d’água escorrer, estilar, cair degrau de altura de palmo a derradeira gota, o bilbo. (...) Secara-se a lacrimal, sua boquinha serrana” (ROSA, 2006, p.146).

Cacá revelando a denúncia do escritor por meio do homem-personagem Manuelzão que acabou secando o *riachinho fluvial*. Assim é nosso mestre nos ajudando na compreensão da literatura roseana.

Certa vez, no Anfiteatro da Faculdade de História e Geografia da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), Cacá foi homenageado como Professor Emérito. No meio de suas palavras ele disse: __“Fico muito emocionado e lisonjeado com esta condecoração. E quero dizer que também gosto muito de estar junto de minhas amigas da Confraria Roseana e que estou muito feliz por elas estarem aqui presentes”, e veio nos abraçar.

Esse seu lado sempre gentil e amoroso...

Imagen 1 - Homenagem ao Professor Carlos Augusto, USP.



Da esquerda para a direita: Rosa Haruco, Maria Cristina Ferreira, Carlos Augusto, Beth Ziani e Rioco Kayano. Fonte: acervo pessoal de Beth Ziani

Um tempo depois, soube que tinha sofrido acidente doméstico e precisou ficar em observação. Assim, enviei origamis de *tsurus* (*grous* em dobradura de papel) desejando rápida recuperação. Escolhi as cores vermelha e branca da bandeira japonesa, pois ele tinha residido um período no Japão e porque, na tradição desse país, *tsuru* simboliza saúde e longevidade. E eis que fui visitá-lo e eles estavam pendurados dentro do seu quarto. Ele disse: *“As coisas que estão no meu quarto, ninguém pode mexer”*, e para minha alegria os *tsurus* estavam lá no seu canto particular!

Nessa visita, ele ralhou comigo pois levei alguns quitutes para almoçar com ele: *“Onde já se viu trazer comida em casa. Eu quero oferecer a você”*. Tinha pedido para sua auxiliar preparar almoço e sobremesa. Brindamos com vinho. Me contou que as roupas que ele gostava de usar nos eventos eram do Japão e da China, países que guardavam lembranças muito afetivas. O seu apartamento é uma coleção de muitos objetos trazidos de suas diversas viagens pelo sertão-mundo. Tão singelos e belos como ele!

Fui visitá-lo novamente e obviamente não levei comida, nem bebida. Na chegada, ele demonstrou mais uma delicadeza de querer nos receber abrindo a porta, mas sua auxiliar antecipou. A frustração ficou estampada no seu semblante. Antes tinha feito recomendação a ela: *“Não vai repetir a mesma comida nem sobremesa que foi servida da outra vez. O que Rosa vai pensar? ”*. Como esquecer tamanha gentileza? Me sinto privilegiada, lisonjeada, honrada.

No seu aniversário de 90 anos, numa festa entre amigos e familiares, veio conversar conosco: *“É uma alegria encontrar tanta gente querida, mas o que gosto mesmo é estar com vocês”*.

Imagen 2 - Celebração 90 anos, março de 2017.



Da esquerda para a direita: Rioco Kayano, Maria Cristina Ferreira, Silvia de A. Pinheiro Machado, Carlos Augusto e Rosa Haruco. Fonte: acervo pessoal de Rosa

A amiga Silva Pinheiro relatou que ligou para cumprimentar Cacá por mais um ano de aniversário e, no final da conversa, ele comentou: *“Gostaria muito que a Rosa me levasse para Cordisburgo.”* Essa referência do Cacá me fez lembrar Guimarães Rosa enaltecedo a sua cidade natal em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras: *“Cordisburgo, pequenina terra sertaneja, trás montanha no meio de Minas Gerais, um quase lugar, mas de repente tão bonito...”*⁴.

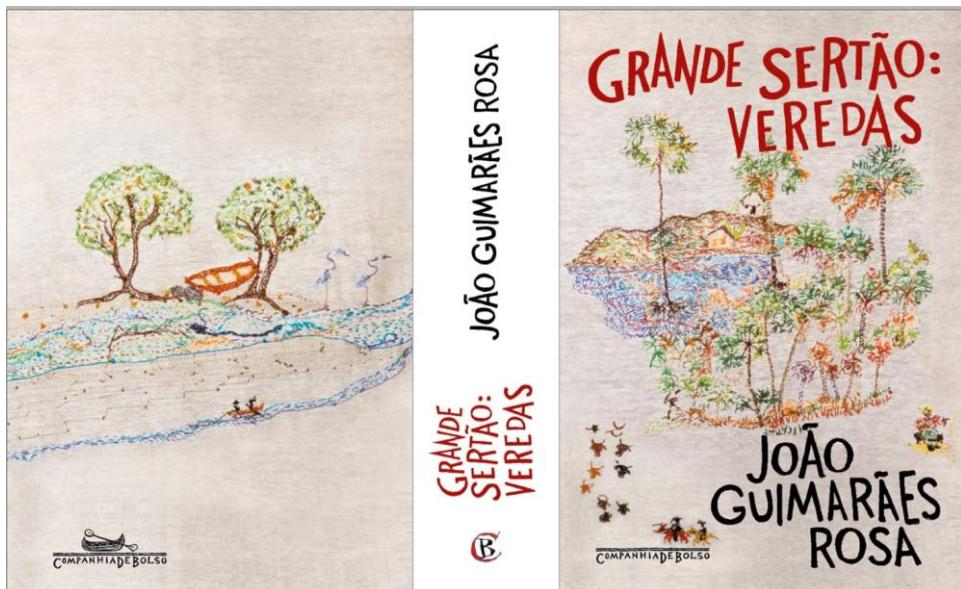
⁴ Trecho do discurso de posse de Guimarães Rosa na Academia Brasileira de Letras em 16 de novembro de 1967, 3 dias antes do seu encantamento.

A fala do Cacá manifestando o desejo de retornar a Cordisburgo, já com seus 91 anos, é como dissesse: “*Como gosto de estar com vocês*”, que associo com a mesma conotação da frase de Guimarães Rosa: Somos um quase lugar no seu mundo sertanejo roseano, de repente é tão bonito estarmos juntos...

Nem Guimarães Rosa nem Cacá não puderam retornar à Cordisburgo antes da morte. Levou-se com eles o desejo: *Sonhação? Sonhos, são...*

Na minha última visita a ele, creio que ao final de 2021 ou início de 2022, levei a última edição do livro **Grande sertão: veredas**, *pocket book* editado pela Cia. das Letras. Na capa tem bordado feito por Grupo Teia de Aranha, com buritis e veredas. Amigas bordadeiras tão queridas do Cacá: __ “*Livro das minhas amigas da Confraria*” ele disse.

Imagen 3 - Capa Grande sertão: veredas, edição de bolso.



Fonte: Companhia das Letras

Nessa visita, foi comigo um ator do Rio de Janeiro que iria apresentar o espetáculo Riobaldo na Rabeca Cultural, Casa de Cultura em Campinas: Gilson de Barros, o colega ator narrou alguns episódios do Grande Sertão. Cacá comentou que gostaria de assistir, mas não iria. Eu o levaria com maior prazer, mas disse que andava cansado e que seu corpo não aguentaria. Foi quando ele me falou que a velhice deveria ser sadia, sem limitações.

Ele fez questão de abrir a porta na nossa saída, mesmo andando com muita dificuldade. E me disse: __ “Quando retornar venha fazer comida japonesa que adoro”. Na saída, senti tênuas *sirgo fio* de sua vida. Uma voz interna me dizia que ele iria embora, breve... Minhas lágrimas rolaram, enquanto descia no elevador.

Na Semana Roseana de 2022, ele encantou-se. O Professor Dieter Heidemann fez uma singela homenagem em Cordisburgo. Lá onde ele queria retornar. Não deu tempo de preparar comida japonesa para ele. Na despedida, fui dizer muito obrigado em nome dos roseanos pelo carinho, pela generosidade, amizade, tão singelo amor que recebemos dele, querido e sempre Amigo.

*benquisto Amigo
relíquia saber legado
guardado comigo
(Rosa Haruco)*

Em seguida, relatos dos amigos dele do sertão roseano:

Grande amigo roseano

José Osvaldo dos Santos: “Brasinha”, denominado “embaixador de sertão” -
Cordisburgo

Grande amigo roseano, adorava Cordisburgo, excelente geógrafo! Uma vez que veio a Cordisburgo fez uma palestra maravilhosa sobre *O Recado do Morro*, grande mestre. Uma das coisas que sempre me falava era sobre a definição perfeita que Riobaldo deu a *Nhorinhá*, “puta e bela”. Aprendi muito com ele, saudade muita de um formidável amigo. Aí vai uma foto da programação da Semana Roseana de 1998, com participação dele falando de “O real e o mítico na paisagem do Grande sertão: veredas”.

Imagen 4 - programação da Semana Roseana, 1998.



Fonte: acervo pessoal do Brasinha

∞

De braços dadosDôra Guimarães⁵, Cordisburgo

Lembro-me do Carlos Augusto nas Semanas Roseanas, trazendo conhecimentos novos, fruto de suas pesquisas na obra de Guimarães Rosa. Gostava de passear com ele, de braços dados, na rua do Museu Casa Guimarães Rosa, eu de um lado e Elisa do outro, rindo de seus comentários e humor refinado. Era uma pessoa de quem a gente gostava de estar perto.

∞

FigurinoElisa Almeida⁶, Belo Horizonte

Recordo-me que sempre assistia às narrações do “Tudo Era Uma Vez”, a parceria que eu tinha com a Dôra, e nos cumprimentava, dava a maior força para o nosso trabalho. Certa vez, acerca de um figurino que usamos, ele pareceu não ter gostado e, com toda *finesse* e delicadeza que lhe eram peculiares, nos disse que, o que fazíamos era tão bonito, tão completo, a narração de Guimarães Rosa, que nem precisava figurino especial nenhum, bastava o preto básico mesmo.

∞

Frequentador de Semana RosianaFábio Barbosa⁷, Cordisburgo

Creio que era em torno de 2000. Foi quando o conheci. Nessa Semana Rosiana, convidado a fazer uma palestra, aceitou mesmo seu nome não constando na

⁵ Professora, contadora de estórias, diretora do Grupo Miguilim na formação de contadores de estórias de Cordisburgo. Colaboradora da Oficina de Leitura João Guimarães Rosa do IEB-USP e de seus eventos culturais.

⁶ Doutora em Artes Cênicas pela UFMG, contadora de estórias, Diretora do Grupo Miguilim, formadora de novos contadores de estórias em São Paulo, cidades mineiras e no exterior.

⁷ Professor dos contadores de estórias do Morro da Garça, coordenador do Grupo Miguilim. Participante da Caminhada Eco Literária de Cordisburgo, trabalha no Museu da Casa Guimarães Rosa.

programação. Sua presença enaltecia o evento, seu saber era reconhecido, a formalidade não importava. A partir de então, participou do evento durante anos. Pagava suas próprias despesas e nada cobrava pelas palestras que atraía grande público. Grande incentivador do trabalho de formação do Grupo Miguilim, adolescentes narradores de textos da obra Rosiana, não perdendo nenhuma apresentação de narração de estórias.

Imagen 5 - Participant es da Semana Roseana, 2001.



Da esquerda para a direita: Marily da Cunha Bezerra, Rioco Kayano, Neuma Cavalcanti, Beth Ziani, Calina Guimarães, Nilce Sant'Anna Martins, Carlos Augusto e Helena Carvalhosa. Fonte: acervo pessoal de Rioco

∞

Recordando o confrade Prof. Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro

Dieter Heidemann⁸, Morro da Garça

*Ninguém me diga: vem por aqui
A minha vida é um vendaval que se soltou
Não sei por onde vou
Não sei para onde vou
Sei que não por aí
(José Régio)*

⁸ Professor sênior do Departamento de Geografia da USP, vice-diretor do IEB (2002 a 2006), e organizador da Oficina de Leitura Guimarães Rosa. Professor aposentado, residente no Morro da Garça.

Antes de ser um confrade dele na Roda de Leitura de João Guimarães Rosa no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro já fazia parte das minhas recordações pessoais.

Conheci o professor em 1971 quando estive na USP como aluno-visitante-bolsista cursando na época, ainda como calouro, o bacharelado de Geografia na Universidade de Marburg na Alemanha. Logo nas primeiras semanas, o germanófilo geomorfólogo Prof. Adilson Avansi de Abreu e o doutor Prof. Carlos Augusto, doutorando e orientador, me convidaram para um jantar numa pizzaria paulistana querendo saber de mim, iniciante no ofício, mais sobre a História da Geografia na Alemanha. Coitado do calouro!

Anos depois, no Recife, num Seminário de Tropicologia da Fundação Joaquim Nabuco, onde eu tinha feito no final dos anos de 1970 as minhas pesquisas de doutorado, o sempre elegante professor estava expondo numa conferência pioneira no Brasil suas ideias sobre a relação entre Geografia e Literatura, também sobre a obra de João Guimarães Rosa, com um olhar inaugural de um geógrafo brasileiro, abordando “O romance entre o espaço geográfico e o tempo histórico-social”. De certa forma abriu o meu caminho roseano.

Quando eu cheguei 1989 como professor na USP, ele já estava aposentado como expoente nacional e internacional da climatologia geográfica com experiências em várias universidades brasileiras, entre elas na UFRJ, na UNESP e na UFSC. Mesmo com uma conhecida aversão às ideologias políticas e à burocracia acadêmica, seguindo sempre os seus próprios caminhos de autonomia intelectual, tinha a fama de ter maior proximidade com a ala mais moderada e conservadora tanto na Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB), como na política departamental e universitária.

Conheci ele mesmo melhor como educador nas oficinas extraordinárias em Cordisburgo e na USP, por exemplo no IEB, onde exercei na época a função de Vice-Diretor, ministrando em 2006 o memorável curso: “Mensagens Geográficas n’O Recado do Morro”, um dos contos em “Corpo de Baile” de JGR. Com sua sólida formação fazia, há mais tempo, o trânsito erudito entre geografia e literatura com a publicação de livros e ensaios. O seu livro “O mapa e a trama - ensaios sobre o

conteúdo geográfico em criações romanescas”, da Editora da UFSC, já era leitura obrigatória em todos os departamentos com estudos de Geografia Cultural. E vale sempre destacar os desenhos, blocos-diagramas e croquis maravilhosos que acompanhavam todas as suas aulas e publicações.

Em viagens na companhia de pessoas, por ele assim batizada, Confraria Roseana do IEB, tive o grande prazer de acompanhar a sua passagem pelos sertões roseanos, as suas visitas e palestras sobre “O real e o mítico na paisagem do Grande Sertão” ou “Do Mutum ao Buriti Bom: Travessia de Miguilim” em Cordisburgo e Três Marias-Andrequicé. Soube principalmente apreciar o convívio com ele na sua estadia na nossa casa no Morro da Garça. Ele era admirador da minha companheira, a geógrafa, cineasta e roseana-vibrante Marily da Cunha Bezerra e ela grande fã dele reciprocamente. Houve longas conversas filosóficas e divertidas em volta da mesa da cozinha. Nestas ocasiões conhecia melhor o Cacá, defensor de uma construção de conhecimento integrado e de uma geografia não fragmentada, um ser humano culto, instigante e sensível, sempre com uma boa pitada de humor e ironia.

Imagen 6 - Carlos Augusto no Morro da Garça, 2004.



Fonte: acervo pessoal de Maria Cristina Ferreira

Em seguida, relatos dos amigos de São Paulo:

Ao mestre com carinho

Maria Cristina Ferreira⁹

Tive a sorte de encontrar com o Professor Carlos Augusto na XIII^a Semana Roseana, em junho de 2001, comemorada na cidade de Cordisburgo em Minas Gerais. Assim, como o nome dessa cidade, Carlos Augusto é só coração. Caminhava por essa cidade como se fosse mais um de seus habitantes, interagia e se embebia deste Chão-Rosiano. Quem por ele passava não se dava conta que ali armazenava-se um poço de conhecimento e sabedoria. Para desfrutar um pouco do seu conhecimento, era necessário conviver, estar do lado, assim podíamos receber a conta gotas as inúmeras informações que nos ia passando.

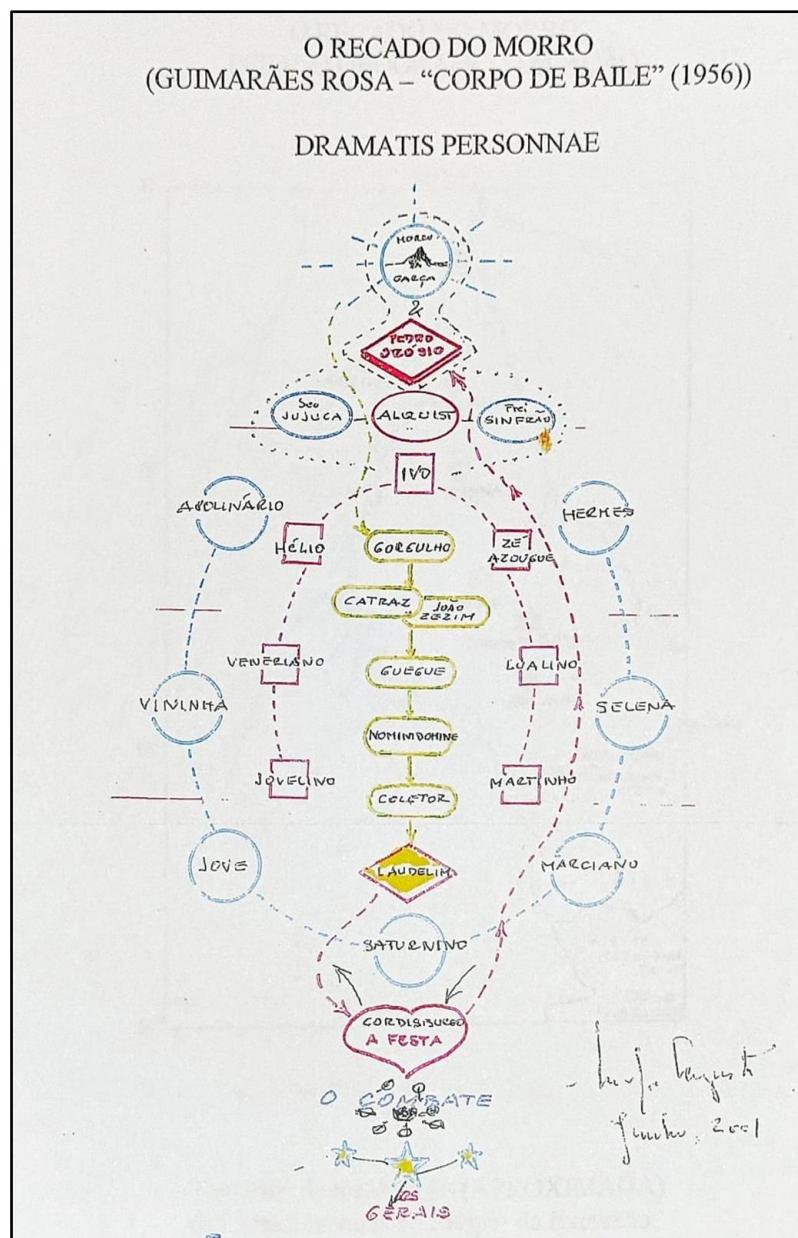
Nessa Semana Roseana, pude participar de um curso, ministrado pelo Professor Carlos Augusto: “Mensagens Geográficas n’O Recado do Morro”. Com que clareza soube transportar para uma cartografia, uma síntese, um espelho da trajetória deste conto. Tenho nesse seu texto e nessa cartografia, um apoio para decifração dos mistérios e enigmas de Guimarães Rosa, buscando nos seus ensinamentos, como ele mesmo diz: __“tento extrair da obra de Guimarães Rosa aquilo que sua sensibilidade científica e engenho artístico oferecem de enriquecimento e “iluminação” à disciplina centrada na relação Homem-Natureza.

A partir do primeiro encontro com Carlos Augusto, novas oportunidades surgiram para estreitar a nossa convivência, andando pelos caminhos de Rosa em Cordisburgo e Morro da Garça, participando das caminhadas literárias, ouvindo as narrações dos Miguilins e suas mestras, e nos encontros Rosianos na cidade de São Paulo.

Carlos Augusto: uma doação em pessoa, um distribuidor de conhecimento. Como ele mesmo dizia: __enquanto saúde e disposição tivesse, estaria sempre participando da Semana Roseana.

Carlos Augusto, sempre presente! Obrigada.

⁹ Integrante do Grupo Teia de Aranha e da Oficina de Leitura João Guimarães Rosa, colaboradora de atividades culturais em Cordisburgo e Morro da Garça.

Imagen 7 - *Dramatis Personnae*¹⁰

Fonte: acervo pessoal de Maria Cristina Ferreira

00

Professor Carlos Augusto

Silvia De A. Pinheiro Machado¹¹

¹⁰ Desenho *Dramatis Personnae*. retirado do curso *Mensagens Geográficas n°"O Recado do Morro"*, ministrado pelo Professor Carlos Augusto na XIII Semana Roseana de Cordisburgo, julho de 2001.

¹¹ Participante da Oficina de Leitura Guimarães Rosa, colaboradora de eventos culturais em Cordisburgo e Morro da Garça. Coordenadora do projeto “Arvoreta: leitores e narradores de Mário de Andrade”, na estação Maylaski, distrito de São Roque.

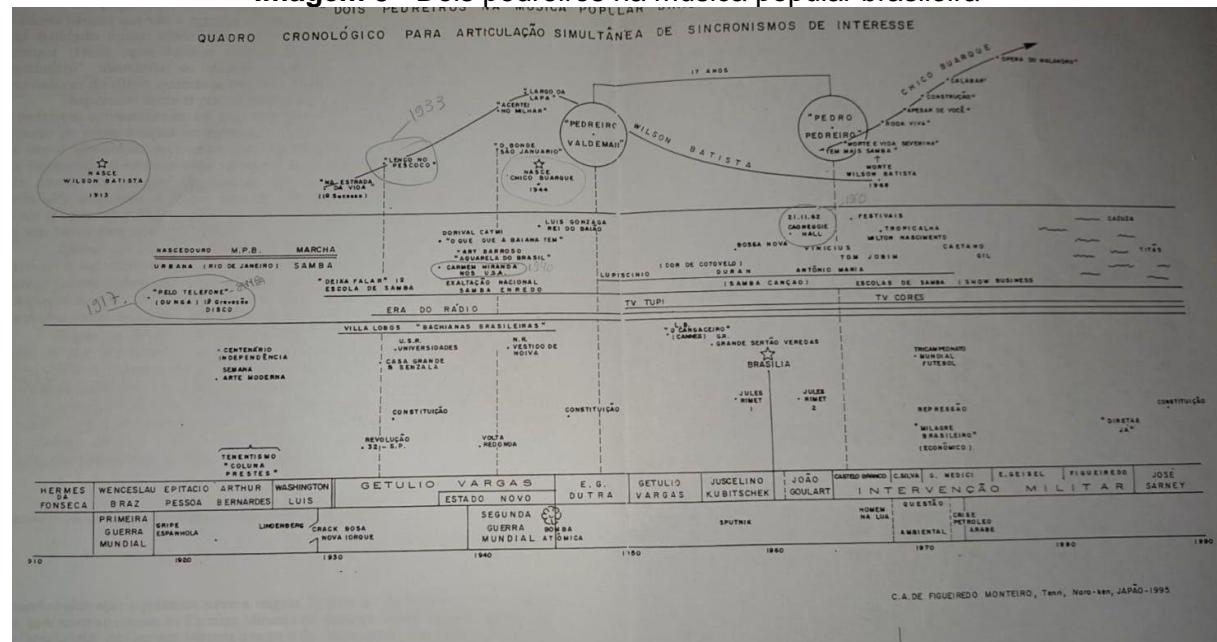
Conheci o Professor Carlos Augusto em Cordisburgo, essa cidade que reúne pessoas de coração aberto e dispostos à poesia e a conhecer lugares e gentes e bichos e plantas... estrelas. Ele.

Conheci a geografia rosiana, no início do século XXI, em companhia desse mestre singelo e grande estudioso. Um homem culto, caprichoso em seus mapas, textos e diagramas.

Além de seus livros e do texto enriquecedor “A mensagem geográfica n’O recado do morro”, escrito para o curso da XXIª Semana Rosiana – Cordisburgo 2001, recebi dele, pelo correio, o “Dois Pedreiros na música popular brasileira”, um estudo preparado enquanto esteve no Japão, na primavera de 1995. Texto inédito que o querido Professor Carlos Augusto me enviou para, como escreve no bilhete que o acompanha: “colher a opinião de amigos queridos como você”. O apelido Cacá só soube depois, para mim ele era o cuidadoso e cordial Professor Carlos Augusto que, ao me encontrar, sempre dizia simpático:

— Salve a psicóloga!

Imagen 8 - Dois pedreiros na música popular brasileira



Céu do Morro da GarçaHelena Carvalhosa¹²

Foi o maior barato participar dessa montagem do Recado do Morro, após a palestra do Prof. Carlos Augusto. Marily da Cunha Bezerra coordenando a Oficina de Leitura do céu do Morro da Garça. E trouxe estandartes para fazer o céu. Parecia mágica. As coisas iam acontecendo até ficarem prontas.

Imagen 9 - Fotos da Semana Roseana, junho de 2001.



Fonte: acervo pessoal de Helena Carvalhosa

oo

¹² Artista plástica, escritora, poeta, fotógrafa, colaboradora de eventos culturais em Cordisburgo e no Morro da Garça.

De volta ao coração

Beth Ziani¹³

*...cada homem tem o seu lugar no mundo e no tempo que lhe é concedido.
Sua tarefa nunca é maior que sua capacidade para poder cumprí-la.
Ela consiste em preencher seu lugar, em servir à verdade e aos homens...
(Guimarães Rosa)*

Carlos Augusto participou por muitos anos das Semanas Culturais em Cordisburgo. Fazia reserva antecipada na Pousada das Flores e era conhecido pelo seu humor irradiante e pela atenção dedicada à comunidade. Disponível para atividades artísticas, culturais, suas palestras na cidade de Rosa e no Morro da Garça refletiam sua paixão pela obra de João Guimarães Rosa.

Desses encontros pelo sertão rosiano e dos fortes laços estabelecidos, tivemos o privilégio de contar com a sua participação no projeto *Do Danúbio ao São Francisco – Guimarães Rosa para todos*. O desafio do grupo *Teia de Aranha* de São Paulo de criar uma Cartografia da vida e da obra do escritor foi partilhado com o amigo geógrafo. Entre alguns encontros para conceber o painel, tivemos um momento especial com a Professora Neuma Cavalcante, que também contribuiu com o projeto.

Imagen 10 - Semana Roseana, 2001.



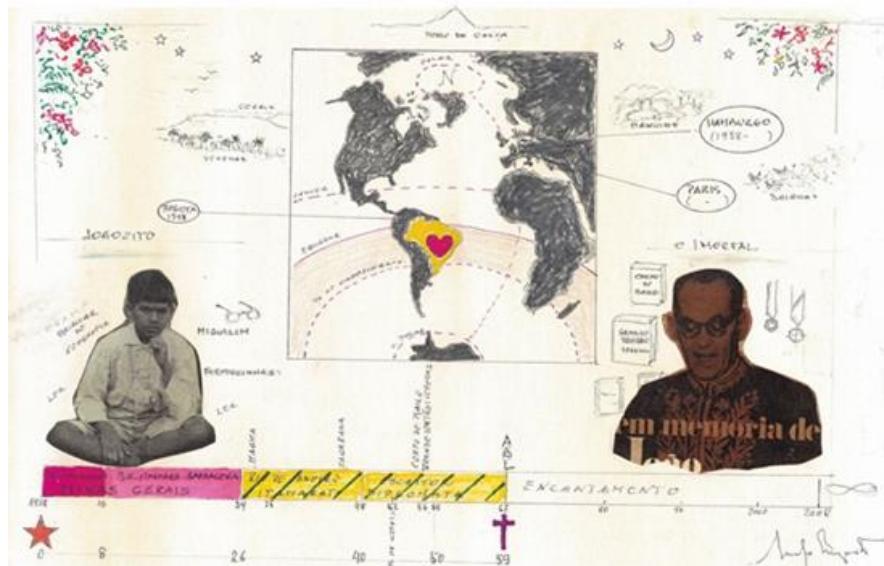
Da esquerda para a direita: Beth, Carlos Augusto, Rioco e Neuma. Fonte: acervo pessoal de Beth Ziani

O resultado apresentado pelo geógrafo literário compunha uma bela cartografia. A partir de uma linha temporal, delimitou fases da vida do escritor do nascimento ao seu encantamento. Integrou colagem e desenhos autorais na representação de

¹³ Pesquisadora e bordadeira. Doutora e professora de Literatura, integrante do Grupo Teia de Aranha e da Oficina de Leitura Guimarães Rosa, desenvolve projetos de registro de memórias no sertão mineiro.

paisagens, lugares e preferências do autor com a delicadeza de um apaixonado pelo tema. A partir do projeto assinado por Carlos Augusto, fizemos adaptações para representá-lo em tecido e bordar. O resultado foi um painel de 2,0m x 1,40m.

Imagen 11 - Cartografia de Carlos Augusto Monteiro. Técnicas: Desenho e colagem em papel.



Fonte: acervo pessoal de Beth Ziani

Imagen 12 - Painel Bordado: Cartografia da vida de Guimarães Rosa, Grupo Teia de Aranha, 2009.



Fonte: acervo do Grupo Teia de Aranha.

Um momento especial com Carlos Augusto

— “Caí das tamancas!!!!”. Foi assim que Carlos Augusto nos recepcionou na Pousada das Flores, em Cordisburgo, onde estávamos hospedadas. A data não me recordo, era uma Semana Roseana, ainda com ‘e’, havia um Concurso de Criação Literária. Os candidatos eram professores, alunos e contadores de histórias. Com o auditório lotado, todos fizeram suas apresentações, alguns leram, outros narraram, “puras misturas” e entre os concorrentes estava a professora de Português que havia ajudado alguns participantes a prepararem seus textos. Seriam três colocados e o primeiro ganharia uma TV colorida.

Fazia parte da equipe de jurados o “povo de São Paulo”, “os do Guimarães Rosa”. Depois de um longo tempo, chegaram à decisão dos primeiros colocados. A professora não foi classificada!!!! Com o pronunciamento do resultado, houve um silêncio constrangedor até ser rompido por alguém da plateia que gritava ser “marmelada” o Concurso e que não estava certo a mestra da cidade ter sido desclassificada. Diante da confusão generalizada entre gritos e ofensas, saímos escoltadas do local.

Ao chegarmos à Pousada, Carlos Augusto estava lá, não esperou o resultado final do Concurso e nos recepcionou com a frase: __ “Meninas, caí das tamancas!!! Vocês reprovaram a professora!!!” Foi um momento de descontração, rimos muito com o Professor, mas estávamos apreensivas, pois o telefone não parava de tocar com ameaças. Nessa tensão, surgiram várias ideias: falar com a organização do Concurso; com o coordenador da Semana Roseana, com o presidente da Academia Cordisburguense de Letras e tentar resolver a situação. Carlos Augusto, então, declarou sabiamente: — “Vocês não façam nada! Amanhã, tudo estará resolvido”.

Na manhã seguinte, voltamos às atividades culturais da Semana, esperávamos novas recriminações, entretanto, ninguém falou sobre o assunto. Soubemos que a TV colorida não foi entregue e que iriam realizar um novo Concurso com outra comissão julgadora, é claro!!!

Ave, Carlos Augusto!!! Sabedoria e alegria, sempre.

∞

Acróstico Elegíaco ao Mestre Carlos Augusto

Cordisburgo e o vasto mundo

Além da brasiliade

Remansam num rio turvo

Lembrançam tua amizade

O sertão é onde teu vulto

Se condensa em claridade

Arvoredo entre os arbustos

Um jagunço na cidade

Gentil, generoso, arguto

Um poço de humanidade

Solidário, sábio e justo

Te saudamos com saudade

Oh lustro de eternidade!

(Jean Garfunkel¹⁴)

∞

¹⁴ Escritor, poeta, compositor, cantor, organizador do projeto Canto Livro, participante da Oficina de Leitura João Guimarães Rosa, colaborador em eventos culturais em São Paulo e nas cidades mineiras roseanas. Poesia **Acróstico Elegíaco ao Mestre Carlos Augusto**, janeiro de 2024.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há um trecho importante de Guimarães Rosa no discurso de sua posse na Academia Brasileira de Letras no dia 16 de novembro de 1967: “*As pessoas não morrem, ficam encantadas*”.

Cacá não morreu. Encantou-se. E deixou seu encanto. A nossa oferenda é gratidão eterna por ele ter existido dentro da gente. Por ele ter criado a Confraria Roseana que aproximou os roseanos *infinitamente*.

Obrigada Cacá, Amigo.

*algazarra da caravana
sotaques e elocubrações diversos
confraria roseana
(Rosa Haruco)*



REFERÊNCIAS

- HANSEN, Marise Soares. **A palavra acre.** São Paulo: Editora Patuá, 2022. p.28.
- MONTEIRO, Carlos Augusto De Figueiredo. **O mapa e a trama.** Ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações românticas. Editora UFSC: Florianópolis, 2002.
- MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **Quadro cronológico para articulação simultânea de sincronismos de interesse.** In: *Dois Pedros na música popular brasileira*. Faculdade de Estudos Internacionais de Cultura. Universidade de Tenri. Japão, Primavera de 1995.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas.** 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas.** São Paulo: Companhia das Letras, versão em *pocket book*, 2021.
- ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias.** 10. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1977.
- ROSA, João Guimarães. **Corpo de Baile.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. Edição comemorativa 50 anos (1956-2006). v.1.

NOTAS DA AUTORA

Considerando que alguns termos e nomenclaturas usados no texto sejam mais específicos à literatura de Guimarães Rosa, fazemos abaixo alguns apontamentos:

Oficina de Leitura João Guimarães Rosa (IEB-USP): é um encontro semanal de participantes interessados na obra do escritor, com objetivo único de reunir em grupo, para ler em voz alta os seus livros. Embora esteja abrigada no IEB, não tem nenhum vínculo institucional. Organizada pelo então vice-Diretor do IEB em 2003, Dieter Heidemann, inicialmente os encontros eram presenciais, porém devido à pandemia de Covid, as leituras passaram a ser online, possibilitando ampliação de participantes em todo o Brasil e inclusive no exterior. Em média com 50 pessoas em cada encontro e dependendo da programação ou presença de algum convidado, os números de presentes aumentam.

Já relemos várias vezes os mesmos livros e como os leitores vão mudando, as discussões grupais sobre trechos ou livros lidos permitem as mais diferentes interpretações.

Também, pelo reconhecimento da Oficina de Leitura no meio roseano e acadêmico, hoje se tornou importante referência, sendo convidada a realizar os mais diversos eventos em parcerias com: Universidades, Escolas Públicas e Particulares, Bibliotecas, Centros Educacionais e Culturais tanto de São Paulo, assim como em lugares/personagens da obra roseana. São cursos, oficinas, aulas, palestras, leituras, atividades criativas a partir de abordagens artísticas e de tradições culturais locais. E, por ocasião da celebração dos 20 anos de existência da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP, uma das participantes da referida Oficina, a Professora Elni Elisa Willms da Universidade Federal de Mato Grosso produziu em seu pós-doutorado, realizado sob supervisão do Professor Michel Riaudel, na Sorbonne em Paris, uma trilogia de e-books acessíveis gratuitamente no seguinte site:

<https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/search/search?query=travessias>

IEB – Instituto de Estudos Brasileiros da USP: onde abriga acervos de vários autores brasileiros, sendo que o de Guimarães Rosa tem arquivo com maior número de documentos manuscritos, cadernetas, anotações do seu processo criativo, assim como é guardião de toda a biblioteca particular do escritor. O acervo de Dona Aracy Guimarães Rosa encontra-se também no IEB.

Grupo Teia de Aranha: grupo formado por mulheres para bordar literaturas de escritores em geral. Com existência também de 20 anos, iniciou os trabalhos bordando o painel Grande sertão: veredas de Guimarães Rosa para as Professoras Dôra Guimarães e Elisa Almeida, contadoras de estórias do Grupo Miguilim, para a apresentação que fariam em Portugal. Grupo responsável pela disseminação de bordado a partir de leituras de obras literárias. Destaca-se que há um número

significativo de grupos de bordado se formando em várias comunidades de diferentes lugares.

Semana Roseana de Cordisburgo: Em sua 36^a edição no ano de 2023, na cidade natal de Guimarães Rosa. Os encontros acontecem anualmente na 1^a semana de julho. Reúne pesquisadores, estudiosos e aprendizes da obra roseana. Lá tem o Museu Casa João Guimarães Rosa na casa que pertenceu à família do escritor e que hoje é administrado pela Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais. Desses encontros participam pessoas de todo o Brasil, inclusive do exterior, onde acontecem várias atividades acadêmicas, culturais e artísticas.

No Museu é desenvolvida uma das atividades mais importantes que é a formação do Grupo Miguilim, contadores de estórias que narram Guimarães Rosa. São crianças e adolescentes de 10 a 18 anos com supervisão de 2 diretoras e um coordenador. Os Miguilins são guias do Museu, explanando a vida e obra do escritor e fazendo narrações aos visitantes. Com existência de 25 anos, na 16^a geração de contadores, são convidados por todo o Brasil para apresentações de narrativas.

São nessas Semanas Roseanas que acontecem as mais possíveis parcerias e trocas de saberes da literatura do escritor.

Andrequicé: distrito da cidade de Três Marias, Minas Gerais. Lugar onde residiu Manuelzão, personagem em **Uma Estória de Amor**, do livro Corpo de Baile. Manuelzão, vaqueiro capataz do primo de Guimarães Rosa, comandou uma boiada em 1952 onde o escritor acompanhou durante 10 dias. E durante a viagem ele anotou em cadernetas tudo que via e ouvia, fazia perguntas aos vaqueiros e tudo registrava. Essas observações feitas por ele, estão principalmente nos livros Grande sertão: veredas e Corpo de Baile. Na Festa de Manuelzão, onde acontece anualmente no período próximo ao seu aniversário, ocorrem várias atividades culturais, narrações de estórias, desfile de boiadas.

NOTAS DE AUTOR

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Rosa Haruco Tane - Concepção e elaboração do manuscrito, revisão e aprovação da versão final do trabalho.

FINANCIAMENTO

Não se aplica

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebido em: 25-02-2024

Aprovado em: 22-04-2024